



**#METODO &
JUSTIÇA
TRANS-
FORMATIVA**



UMA CONVERSA COM: *MARIAME KABA*

Lua Negra
krakatoa@riseup.net

Transcrição e tradução livre da conversa:

“The Practices We Need: #metoo and Transformative Justice Part 2”

Extraída do Podcast:

“How to Survive the End of the World”

O original está disponível em:

<https://soundcloud.com/endoftheworldshow/the-practices-we-need-metoo-and-transformative-justice-part-2/s-CovZV?fbclid=IwAR2mIjXkv-pwSvpKGEWr8aXe7ublqmwXvYQ97yJ6HkPCLY8nNqz7mokuxD8>

Olá, chamo-me Autumn Brown sou ativista queer, escritora de ficção-científica, teóloga, mãe de dragões, facilitadora de processos de recobro emocional em movimentos sociais e vivo em Avon Hills no Minnesota.

Eu sou a Adrienne Maree Brown, autora de *Emergency Strategy*, co-editora de *Octavia's Brood*, escritora, facilitadora de grupos orientados para a Libertação Negra, doula, ativista focada no prazer, extraordinária tia e vivo em Detroit.

Este é o **How to Survive the End of the World** (HSEW daqui para a frente), o nosso podcast sobre como sobreviver ao apocalipse com graça, rigor e curiosidade.

HSEW - Esta é a segunda parte da nossa conversa sobre o #MeToo. É tão excitante! Já gravámos a primeira parte e queremos voltar a esta conversa sobre violência e sobre o que é que acontece depois de serem infligidas agressões e como é que lidamos com isso. Para esse efeito temos connosco uma das melhores: **Mariame Kaba**.

Primeiro queremos partilhar uma breve biografia sobre o trabalho que ela tem vindo a desenvolver. Mariame Kaba é fundadora e diretora do Project NIA, uma organização de base com a missão de extinguir o encarceramento de jovens. Também cofundou ao longo dos anos múltiplos projetos incluindo: The Chicago Freedom School, The Chicago Task Force on Violence Against Girls and Young Women, The Chicago Alliance to Free Marissa Alexander e Rogers Park Young Women's Action Team. E isto é só a ponta do iceberg (risos).

Nós queríamos começar por te perguntar como defines o termo responsabilização comunitária [*do original em Inglês *community accountability*] e o termo justiça transformativa e como é que interages com o #metoo em relação a estes termos.

MK - A minha definição de justiça transformativa é basicamente que esta é uma

moldura de trabalho que pretende reunir condições para apoiar as pessoas em processo de recobro emocional, ao mesmo tempo que ajuda a organizar estratégias para escapar às diversas formas de violência. Esta é para mim a forma mais simples de explicar do que é que se trata, mas obviamente é muito mais do que isto. As pessoas que empregam este modelo são sobretudo mulheres e pessoas trans, não brancas e que, no final dos

anos 90 e início do século XXI, promoveram a justiça transformativa, especificamente, no âmbito da violência interpessoal, com o objetivo de entender a forma como a violência interpessoal está relacionada com formas de violência estruturais e sistêmicas. O termo justiça transformativa foi popularizado por uma mulher chamada Ruth Morris, uma quaker e ativista canadiana que começou a usar o

termo no final dos anos 80 e início dos anos 90. Contudo, a existência de práticas de justiça transformativa é anterior à popularização do termo.

HSEW - O movimento #metoo proporcionou um contexto favorável à divulgação das práticas de justiça transformativas e dos processos de responsabilização

comunitária. O que é que tu pensas sobre isto? Como interagiste com o #metoo?

MK - Sim! Tenho pensado muito sobre o #metoo e sobre a possibilidade de olharmos para o movimento não como uma forma de vingança, mas sim como uma forma de entender como é que diferentes tipos de violência moldam a nossa vida e como estamos imensamente imbricadxs nos próprios sistemas que

pretendemos transformar. Se olharmos através desse ângulo, o #metoo é um movimento que possibilita transformação e mais justiça. A questão que me interessa realçar é que quando pensamos no #metoo e em violência sexual, estes são aspetos que não são exteriores às nossas vidas: são sistemas através dos quais navegamos, que se manifestam de forma exterior e, se não tivermos isso em consideração, não iremos

conseguir apreender o problema. O facto de a violência sexual ser tão prevalente e difundida significa que esta não é uma história pontuada por monstros individualizados. Então, temos de pensar sobre isto com maior complexidade se quisermos desenraizar as formas através das quais a violência sexual se desenvolve.

HSEW - Será que podes desenvolver a ideia sobre

como vivemos imbricadas nos próprios sistemas que pretendemos transformar?

MK - Sim, claro! Essa ideia foi inspirada em Morgan Bassichis que fazia parte da Community United Against Violence de Oakland, num texto onde refere que os próprios sistemas que pretendemos dismantelar existem dentro de nós. Isto foi algo que realmente me impressionou. É importante reconhecer a nossa

cumplicidade com as formas de violência, uma vez que as reproduzimos mesmo de forma não intencional. Algo que me acalma, até certo ponto, é ter consciência que não estamos sempre numa posição em que tudo nos é exterior e a nossa leitura é realizada através de um ponto de vista externo. Essa não me parece a melhor maneira de responder adequadamente às diferentes formas de violência. Devemos observar a partir de

fora, mas também a partir de dentro. Esta ideia ajudou-me a refletir sobre porque é que as diferentes formas de violência são tão persistentes.

HSEW - Nós adoraríamos ouvir a história sobre como e quando a tua trajetória passou a centrar-se nas pessoas que agrediram e causaram sofrimento a outras.

MK - Na realidade eu trabalhei durante muito mais tempo com pessoas que sofreram agressões do que com aquelas que as infligiram. O meu trabalho está enraizado na ideia de apoiar sobreviventes, talvez porque eu própria sou uma sobrevivente. Então, o meu trabalho sempre foi orientado para a delineação de respostas para danos causados. A partir de certo ponto já não interessava se essas respostas se concentravam na pessoa que

causou os danos ou na pessoa sobre a qual os danos foram infligidos; é o dano que me interessa transformar.

Comecei a envolver-me nestas questões por acaso, quando uma amiga foi abusada sexualmente no início de 2000 por uma outra pessoa que conhecíamos em comum. Durante o processo, apoiei-a de forma espontânea. Não pedi para fazer isto, não sou paga para fazer este tipo de trabalho e

só facilito processos dentro das comunidades onde me movo. Não quero que a violência se alastre. As pessoas estão em sofrimento e, assim sendo, eu pergunto-me o que posso fazer para ajudar. Não sou assistente social, nem psicóloga, nem nada relacionado com isso. Foi mais do tipo: isto está a acontecer na minha comunidade, as pessoas estão em sofrimento, foram causados danos, o que é que podemos fazer? Para mim começou,

assim, há cerca de 15 anos, quando cada vez mais pessoas me pediram para as apoiar, incluindo pessoas que exerceram agressões e me pediram apoio dizendo coisas como: isto aconteceu e eu estou a tentar perceber o que fazer.

Nos últimos anos alguns processos que eu facilitei tiveram, de facto, exposição porque foram tornados públicos e, neste sentido, mais pessoas

que causaram danos a outras ou que conheciam pessoas que causaram danos a outras entraram em contacto comigo com o propósito de ajudar a responsabilizá-las pelas suas ações. Falo em apoiar e em responsabilizar, mas não sou capaz de forçar ninguém a ser responsabilizadx pelas suas ações. Este é um processo voluntário. Sobre isto quero ser muito explicita porque penso que uma parte considerável

das frustrações que oiço relacionadas com justiça transformativa e processos de responsabilização comunitária, estão relacionadas com a gestão das expectativas. Muitas pessoas querem punir, esse é o objetivo delas e eu entendo totalmente. Essa é uma resposta expectável, numa sociedade que é altamente punitiva. Como agir, então, de outra maneira?! Outra vez, os sistemas vivem dentro de nós. A lógica punitiva é muito

difícil de ultrapassar e é normal e saudável muitas vezes desejar a vingança contra quem nos fez grandes males. O problema é que a vingança não é o objetivo de um processo de responsabilização comunitária; então, quando as expectativas das pessoas são mediadas por um sentimento de vingança, estas irão, necessariamente, sentir-se frustradas, porque não vai acontecer aquilo de que estão à espera.

Nem tudo pode ser resolvido através de um processo de responsabilização comunitária. Este tipo de processos é muitas vezes bastante penoso para as pessoas envolvidas. Não é um processo de recobro emocional mas, no entanto, pode ajudar a colocar alguém nesse caminho. É mesmo importante que as pessoas entendam isto para que possamos por em prática estes processos.

HSEW - Lembro-me que

uma vez mencionaste que ao conceber um processo de responsabilização comunitária tinhas em conta que quando o processo se inicia, esse era o pior dia da vida de ambas as pessoas envolvidas e a questão que colocaste foi como é que gostarias de ser tratadx no pior dia da tua vida, com o objetivo de delinear todo o processo de responsabilização a partir

daí e com dignidade. Então quero perguntar-te: quais são as coisas que contribuem para o sucesso e quais são aquelas que contribuem para o insucesso de um processo de responsabilização?

MK - Para se dar início ao processo a pessoa tem de estar disposta a participar mas não tem, necessariamente, de admitir que agiu de forma errada.

HSEW - Hum OK

MK - Penso que esta questão é muito importante, porque qual é o propósito de um processo deste tipo? É que as pessoas que magoaram outras entendam de que forma as magoaram... Muitas vezes as pessoas pensam que mesmo antes de iniciarem o processo, as pessoas envolvidas têm de reconhecer o mal que causaram. Esse reconhecimento faz parte do processo de responsabilização,

mas não é um pré-requisito para lhe dar início, senão qual seria o propósito de todo esse processo?!

De acordo com a minha experiência, o insucesso e os erros fazem parte de um processo. Quando alguém está em sofrimento tu pensas que tens de ser perfeita para proteger essa pessoa para que não sofra mais. O que eu digo às pessoas é que, enquanto sobrevivente

e enquanto alguém que viveu rodeada de sobreviventes a vida toda, nós não somos seres frágeis. Nós somos incrivelmente pragmáticos e muito resilientes, porque sobrevivemos a uma data de merdas. A ideia de que os sobreviventes são seres frágeis, tipo boneca de porcelana que se irão partir facilmente e que não podem cometer nenhum erro, poderá minar todo o processo e destiná-lo ao insucesso. E este é um insucesso que não funciona

no sentido da aprendizagem, mas um insucesso do tipo potencialmente catastrófico por causar mais dor. Uma parte importante dos processos de responsabilização comunitária é precisamente a afirmação da agência por parte dos sobreviventes. Portanto, em primeiro lugar temos de nos livrar do binómio sucesso-insucesso.

Em segundo lugar, temos de

definir quais são os objetivos do processo e saber se és ou não a pessoa certa para participar. Saber se as pessoas que participam têm um bom sistema de suporte que as ajudem ao longo do processo, se estás a facilitar isto sozinha ou em equipa? Como é que o processo vai ser finalizado? Não se deve prolongar por noventa anos, deve ter um final. Como é que sabes que está terminado? Ter objetivos definidos ajuda a

perceber isso. Não saber se és a pessoa certa ou não ter objetivos definidos é o oposto dos requisitos que eu enumerei. Esses são os ingredientes para um processo fortalecido. Ser transparente com as pessoas em relação aos objetivos, por exemplo, o que é que as pessoas realmente querem num processo e saber que não podem ter tudo o que querem são mais alguns pontos importantes.

HSEW - Existem alguns processos que tu tenhas recusado e porque motivo? E há algum processo que tenhas sentido que querias fazer parte e que eras a pessoa certa para facilitar?

MK - Não, eu nunca procuro facilitar um processo. Já mencionei isto antes, que não sou paga para o fazer, que isto não é um trabalho, que não é um modo de me sustentar.

Eu faço-o porque pertenço a comunidades onde as pessoas não beneficiam dos sistemas que existem por múltiplos motivos, mas também porque faz parte do meu compromisso político com a abolição do complexo industrial prisional. As pessoas vêm ter comigo em número muito superior em relação ao apoio que posso oferecer. Sou muito boa com fronteiras. Aprendi a fazer isso com a minha vida e, então, sou muito boa em delimitar e definir

aquilo que posso oferecer.
Muitas vezes, quando estou a facilitar um processo, não tenho hipótese de ter integridade e de fazer aquilo que é preciso fazer porque disperso-me. Foco-me nisso e digo sempre às pessoas qual é o meu posicionamento. Muitas vezes posso ajudá-las a perceber se é possível iniciar um processo. Este é o tipo de coisas que geralmente faço.

HSEW - Penso que estás a

definir a diferença entre intervenção e apoio. Que tipo de apoio é necessário para a sustentabilidade de um processo de responsabilização? E também sobre o que disseste há pouco, que um processo de responsabilização não consiste no recobro emocional, no entanto, pode contribuir para que este aconteça. Mas o processo é algo diferente. Será que

podes desenvolver esta distinção?

MK - É uma pergunta muito boa. Vou recuar um pouco e responder à diferença entre intervenção e apoio. Penso que também devemos fazer a distinção entre resolução de conflitos e processos de responsabilização. Não sou especialista em resolução de conflitos: ajudo algumas pessoas a facilitar processos de responsabilização,

que é algo diferente. Para que as pessoas não pensem que estão a fazer um pouco de tudo e se dispersem, a diferença entre responsabilização e o recobro emocional também é importante. Eu cheguei a esta conclusão através da experiência adquirida nos processos que facilitei. Inicialmente pensava que o objetivo destes processos era o recobro emocional, mas não estava realmente a perguntar quais eram as necessidades das

peças envolvidas e o que queriam. E para muitas pessoas o objetivo não era o recobro emocional, não era isso que elas procuravam fazer através de um processo de responsabilização.

As necessidades das pessoas que me procuram focam-se no reconhecimento do mal que lhes é infligido e na garantia que não irá ocorrer de novo, assim como, responder a problemas de confiança. Toda uma lista

onde o recobro emocional não aparece o que, posteriormente, vim a perceber porque é que acontece. As pessoas, para recuperarem emocionalmente, necessitam de outro tipo de espaço. Quando vêm ter comigo estão em grande sofrimento, na fase inicial, a lidar com uma data de preocupações e o recobro emocional não é uma delas, porque estão muito ocupadas a manterem-se de pé, a resistir a toda a situação. O que

necessitam, inicialmente, são outras coisas que são importantes para que, posteriormente e de forma autônoma, se coloquem no longo caminho de recuperação emocional. Portanto, esta não é uma expectativa que têm em relação a um processo de responsabilização comunitária. E isso ajudou-me a entender melhor quando algumas pessoas me diziam que o processo não as ajudou a recuperar emocionalmente ou

quando o processo foi algo dramático e doloroso, como se isso significasse que tivesse sido ineficaz porque é exatamente isso que era necessário ser feito. Não estou a dizer que não vais tirar aquilo que precisas de um processo deste tipo: estou a dizer que muitas vezes estes processos fazem-nos sentir terrivelmente mal porque o sofrimento é central. E se estás engajadx num processo com a

pessoa que infligiu esse sofrimento, vão surgir tantas coisas, que se estás constantemente em busca da recuperação emocional, não estás a processar o sofrimento. Estás como que fora do processo em busca da recuperação no final da estrada, mas é preciso estar no momento para lidar com todas essas emoções. O medo, a raiva, os sentimentos de vingança, os avanços e os recuos... num dia só queres que a pessoa morra e no

outro já estás bem. É por isso que eu digo que uma pessoa não sente este espaço como um espaço de recobro emocional, porque o recobro não é o objetivo do processo. Não significa que o que sentes durante o processo não te ajude no processo de recobro emocional! Muito pelo contrário. É uma excelente ajuda, mas quando estás envolvidx no processo não te sentes melhor emocionalmente, de todo.

HSEW - Como é que lidas com a manipulação com alguém que está de alguma forma a usar estratégias de manipulação?

MK - Por vezes, na tentativa de reclamar alguma forma de autodeterminação e de agência, tropeçamos em comportamentos muito negativos para sobreviver. É importante compreender e não perder a compaixão, enquanto firmemente se chama a atenção, porque te apercebes que esses

comportamentos estão a ser autodestrutivos. Penso que um processo de responsabilização no seu melhor, faz com que as pessoas se possam responsabilizar num contexto de apoio. E se lembrares às pessoas que estás com elas, que estás a apoiá-las e a acompanhá-las, porque o acompanhamento é um dos objetivos do processo, elas têm de confiar em ti para poderem dizer as coisas que vês. Não tenho de gostar das pessoas e

elas não têm de gostar de mim, mas tem de haver confiança. As nossas personalidades podem colidir, mas eu deixo claro que vou dizer coisas desconfortáveis e fazer coisas que te vão fazer sentir desconfortável e a promessa que faço é que vou sempre caminhar em conjunto e acompanhar mesmo quando as coisas não forem fáceis. Reitero isto constantemente. Já entrei em conflito com pessoas durante um processo de

responsabilização e disse: "olha hoje não estás no teu melhor, o melhor de ti ainda não apareceu hoje, e é minha responsabilidade chamar-te a atenção para isso, tornando claro que devíamos suspender e voltar daqui a uma semana quando conseguires lidar com isto de outra forma". Isto significa que tem de existir confiança. E não pode ser comprada. Tudo tem de se centrar na relação que construímos e na confiança que vamos construindo,

até sentirmos que atingimos os objetivos do processo.

HSEW - Parece uma grande quantidade de trabalho, como estabeleces limites, por exemplo, quando uma pessoa age partindo do princípio que a Mariame vai aparecer independentemente do que eu fizer.

MK - Desconheço a economia política disto ou se isto alguma

vez pode vir a ser realizado a uma escala muito grande. Não vejo a justiça transformativa como uma alternativa à prisão.

O capitalismo constantemente contamina os nossos corações e as nossas vidas, até ao ponto em que algumas coisas não conseguem ser expandidas a uma escala maior. Isto é o que sinto mas não me importo, porque quando estou num processo lembro-me que as pessoas envolvidas

têm ideais e um compromisso político partilhado sobre como nos devemos tratar, temos um interesse comum sobre como interpretamos os danos que nos são infligidos e tentamos entender como fazer isto - testamos respostas praticando em conjunto e transformando a relação que temos umxs com as outrxs para transformar o mundo. Sinto que as pessoas que estão comigo no processo respeitam sempre isso. E respeitam o tempo

que eu dedico, que elas próprias dedicam e que toda a comunidade dedica a estes processos.

HSEW - Penso que isto significa que mais gente deve aprender estas competências

MK - Sim! Toda a gente deve aprender!

HSEW - Estas competências não advêm pelo dinheiro,

mas porque toda a comunidade se envolve e transforma a relação entre as pessoas.

MK - Sim!

HSEW - E uma das coisas que estou sempre a ouvir, Mariame corrige-me se não estiver certa, é que reconhecer o tempo e a dedicação da pessoa que facilita não é mais valioso do que a dedicação das

pessoas que experienciaram ou causaram o dano.

MK - Sim! É exatamente isso! Só por escolheres uma forma diferente de tentar transformar o dano, isso é dedicação, é trabalho, é uma contribuição para a nossa evolução enquanto humanos, para conseguirmos transformar suficientemente as nossas relações de forma a criar as condições para que estas horríveis e opressoras

instituições não precisem de existir, porque nós descobrimos uma forma de estar em comunidade que torna estas instituições irrelevantes. Por isso, eu não consigo explicar às pessoas que querem que eu esteja sempre num modo capitalista e que querem que eu me adapte aos processos de mercantilização, como é que isto funciona, porque não vai resultar.

HSEW - Temos de voltar

àquilo que disseste anteriormente, que isto não é uma alternativa à prisão, explica-me.

MK - Então, em primeiro lugar, eu não gosto do termo alternativa à prisão ou alternativa ao encarceramento, porque o termo funciona nos mesmos termos da prisão e o que faz é condicionar-nos. Por exemplo, em vez de pensarmos nos danos infligidos, começa

a pensar em crimes, o que é completamente diferente e levante a crer que é necessário criar alternativas para todos os crimes que levam as pessoas à prisão. Quando existem uma data de motivos pelos quais as pessoas vão para a prisão e na realidade muitos desses motivos não consistiram em danos infligidos contra alguém e, como tal, não deviam ser considerados crimes, e ao mesmo tempo, há uma data de danos que nós não

temos em consideração, porque não são considerados crimes. Porque o sistema de justiça faz-nos pensar mais neste lado do confinamento do que daquele onde está um certo grupo de pessoas descartáveis. Quando alguém diz que a justiça transformativa é uma alternativa à prisão, as pessoas começam a pensar em prisões e não na transformação das relações interpessoais e na mediação de conflitos. Não imaginam que podemos ter um

mundo muito diferente daquele que temos agora, porque este projeto, não é uma mera alternativa à prisão porque isso não é suficiente, é limitante, é completamente dependente da perspectiva criminal sobre como respondemos e contemos o dano. E o que nós precisamos é de libertar a nossa imaginação. Mas se o complexo industrial prisional for o centro do nosso mundo isso não vai acontecer. Porque o complexo industrial

prisional funciona no sentido de nos tornar incapazes de pensar noutras soluções para além de si mesmo. A prisão só me interessa porque provoca muitos danos. O meu interesse é na transformação do dano. Acontece que tenho vindo a responder a questões como as prisões, o policiamento, a vigilância como um subproduto disso e não o contrário. O meu interesse é pelo dano. Eu quero respostas para o dano que permitam construir um futuro

emancipador.

HSEW - Podes falar um pouco como é que este trabalho tem sido transformador para ti? Se e como mudou a relação que tens com a tua própria história de vida?

MK - Sim! Obrigada por fazerem essa pergunta! Porque eu realmente não estaria a fazer isto somente por ser um projeto político se não me transformasse

a mim mesma também, ao longo do processo de trabalho com outras pessoas. A minha amiga Dannielle Sared, da Common Justice em Nova Iorque, disse e escreveu algo que ficou comigo para toda a vida, "**ninguém vivencia violência pela primeira vez cometendo-a.**" Se isto é verdade, então todas estas merdas que temos vindo a falar, estes binarismos, vítimas e perpetradores, isto tudo explode porque é o dano que nos

aconteceu que nos motiva e que nos transforma e que sem intervenção se reproduz de forma desmesurada. Nós sabemos que em diferentes graus vamos magoar outras pessoas e que outras pessoas nos vão magoar. A minha experiência neste meio fez com que o que a Danielle disse se tornasse uma realidade, o que produziu em mim uma significativa mudança de valores e de crenças. A segunda cena que eu aprendi sobre mim mesma, foi

o quanto a punição não funciona e que quando a punição se torna o foco da nossa ação significa que o patriarcado permanece firmemente sem ser afetado. E se estou interessada em dismantelar os sistemas de opressão, tenho de me ver livre da lógica punitiva mas eu quero responsabilidade, eu quero que as pessoas se responsabilizem, quero esses recursos internos que permitem que te responsabilizes pelos

males causados contra ti mesmox e contra outrxs. Quero que isso seja central nas relações que temos umxs com xs outrxs. Não acredito em punições, mas acredito em consequências para ações que magoaram outras pessoas e acredito que os limites são importantes. Como a punição é tão central, nós não temos sido capazes de abordar as outras questões que necessitam de respostas, porque as pessoas precisam de ser

responsabilizadas quando magoam outras pessoas.

HSEW - Podes-nos dar um exemplo de uma punição ao invés de uma consequência?

MK - Punição implica infligir crueldade e sofrimento. Contudo, quando esperas consequências, estas podem ser desagradáveis e desconfortáveis, mas não implicam crueldade. Pode implicar a perda de certos

privilégios, mas não afeta a possibilidade de reconstruir uma vida.

HSEW - Uma última coisa que quero perguntar. Qual é a altura apropriada para fazer uma declaração quando infligiste sofrimento? Uma declaração é algo desejável que pode ser útil. Sinto que é tão raro uma declaração resultar, porque as pessoas nesse momento não vão pensar

que tu és boa pessoa e até que surjam consequências não vão pensar isso. Qual é a tua experiência?

MK - Para mim as declarações são uteis em função do contexto. Às vezes uma declaração faz parte do processo. Uma declaração pode ser necessária, por exemplo, no âmbito de uma organização, se um incidente que ocorreu no seio da organização enfrentar um processo público e

as pessoas querem saber quem é x responsável ou sentem que têm o direito de saber. Nestes casos, uma declaração é necessária. Por vezes, uma declaração é algo que faz parte do processo, em que uma das partes envolvidas diz que uma das suas necessidades é que seja feita uma declaração pública em que a outra pessoa reconheça o sofrimento que causou. Podes trabalhar no sentido em que a declaração realizada só pode reconhecer

o sofrimento causado até certo ponto, porque vivemos sob a merda do Estado carcerário e a declaração pode conter informações que colocam a pessoa que a realizou sujeita ao sistema de justiça criminal e tu não queres isso.

Assim, trabalhas no sentido de negociar as informações que constam na declaração, o que faz parte do processo de construção de confiança entre as partes

envolvidas. Por vezes pessoas envolvidas num processo de responsabilização comunitária escrevem uma declaração que só é entregue à(s) pessoa(s) a quem causaram sofrimento. E temos um acordo de confidencialidade, que é negociado no início de cada processo e que estabelece a forma como lidamos com a comunicação no caso de uma das partes quebrar as regras. Esse acordo é negociado e assinado. Vamos estabelecendo, durante

o processo, a forma como interagimos e como queremos que de futuro seja o relacionamento que estabelecemos. Estamos a prefigurar o mundo que queremos através do processo de responsabilização.

HSEW - Eu e a Autumn concordamos que podíamos ficar sentadas a conversar contigo durante longas horas ou só ficar a teu lado a ouvir-te. Quero enviar-te

uma grande dose de proteção espiritual porque sei que mergulhas em águas profundas, penetras espaços sombrios onde a maioria das pessoas tem receio de entrar. Sei que temos de enfrentar estes sentimentos em profundidade, mas temos tanto medo de o fazer e o facto de tu o fazeres continuamente e de o fazeres cheia dessa tua energia contagiante cativa-nos e

mobiliza-nos. Por isso queremos demonstrar a nossa gratidão.

MK - Obrigada! Sou ouvinte do vosso podcast e obrigada pelo vosso contributo para os nossos movimentos e comunidades. Tenho grande apreço e admiração por ambas.

HSEW - Nós adoramos-te!
Adeus!

MK - Adeus!

Lua
Negra